

1. PERFIL EMERGENTE DO PRESBÍTERO DO NOVO MILÊNIO

Abertura do Dia de Espiritualidade

Com o tema “Novo Milênio: Novo Presbítero?!” e o sugestivo lema “*Eis que faço novas todas as coisas*” (Ap 21,5), realizou-se de 02 a 06 de fevereiro de 2000, o 8º ENP. Acabamos de olhar o vídeo deste evento e certamente cada um está se perguntando: Afinal qual será o perfil do presbítero do novo milênio?

A “*Pastores dabo Vobis*” já nos alertava para este tema: “Há uma fisionomia essencial do presbítero que não muda: o padre de amanhã, não menos que o de hoje, deverá assemelhar-se a **Cristo**, que ofereceu em si mesmo o **rosto definitivo do presbítero**, realizando um sacerdócio ministerial do qual os apóstolos foram os primeiros a ser investidos; aquele é destinado a perdurar, a reproduzir-se incessantemente em todos os períodos da história. O presbítero do terceiro milênio será, neste sentido, o continuador dos irmãos que, nos precedentes milênios, animaram a vida da Igreja (...), mas, é igualmente certo que a vida e o ministério do presbítero se deve **adaptar a cada época** e a cada ambiente de vida” (PDV 5). Com muita sabedoria, Dom Helder nos diz: “Feliz de quem entende que é preciso mudar muito para permanecer sempre o mesmo”.

O Pe Edênio Valle, lúcido articulador dos últimos ENPs, tentou esboçar o perfil emergente do novo presbítero numa reflexão publicada na Vida Pastoral: “embora bem consciente de que a figura do padre continuará sendo plural, resumirei nos seguintes pontos o novo *modo-de-ser* que está emergindo (ao menos idealmente), mas que precisa ser ainda cultivado”. Num encontro de presbíteros do Norte 1 aprofundamos e completamos o perfil que partilho agora. Sonhamos alto com a consciência de que, como o Profeta Elias, “temos longo caminho a percorrer” (1 Rs 19,7).

- O presbítero do século XXI será alguém que (re)descobre e sente o apelo do Deus vivo. Somente sobre a base de uma **experiência pessoal de seguimento de Jesus** e de comunhão com Ele, com o Pai e o Espírito, o padre será alguém capaz de entusiasmar homens e mulheres na mesma **mística do seguimento** e de ajudar o povo de Deus a viver a testemunhar a fé na plenitude de sua vocação. “O presbítero é um homem de Deus. Todavia, só lhe é dado ser profeta na medida em que tenha feito a experiência do Deus vivo. Só esta experiência o fará portador duma Palavra poderosa para transformar a vida pessoal e social das pessoas, de conformidade com o desígnio do Pai” (*Puebla*, 693).
- A **caridade pastoral**, vivida em sua dupla vertente: amor ao Bom Pastor e amor às pessoas que ele confia ao nosso ministério, será a marca da espiritualidade do presbítero e o **eixo integrador** entre vida interior e ação evangelizadora.
- Em meio a tantas solicitações e urgências, o presbítero precisa liberar-se para, nos termos de hoje, **dedicar-se mais à oração e à**

pregação da Palavra (cf. At 6,4) como sendo as dimensões fundamentais de seu ministério. Ele precisa voltar a ser um **mistagogo** e um **discípulo da Palavra**. São traços que precisam atravessar todas as dimensões do serviço presbiteral: a celebração dos sacramentos, a coordenação da comunidade, o compromisso sócio-transformador.

- De maneira simples e direta, o presbítero será um **“homem de oração”**. Sem isso, não passará de um mero propagandista de doutrinas ou de um negociante de coisas sagradas. O encontro pessoal com Cristo e a prática do ministério pastoral com **“os olhos fixos n’Ele”** (Lc 4,20) constituem a identidade profunda do presbítero. Ora, só à força de olhá-lo, é que se acaba amando a Jesus Cristo; mas só olhamos bem de joelhos. “Rezar é freqüentar Jesus” (Charles de Foucauld). “Só ao rezar, está o homem inteiro imediatamente presente diante de Deus. A fé do presbítero de hoje é a fé de um presbítero que reza, de presbítero misticamente **contemplativo**, ou não é fé nenhuma. O presbítero há de ser orante, se quiser ser crente e profeta da Boa Nova. Temos que ser presbíteros que rezam. Que suportam rezando as trevas da vida. Mesmo se sua prece for participação na agonia do Horto ou no grito do Abandonado pelo Pai na cruz” (Karl Rahner).
- A mística do presbítero será sempre uma **mística profundamente eucarística**. Uma mística que tenha sua “fonte” e seu “cume” na Eucaristia celebrada com o povo e adorada em silêncio. Como ensina Tomás de Aquino, ela contém “todo o bem espiritual da Igreja”. É efetivamente na Eucaristia que encontramos tudo: Cristo com o Pai e o Espírito, a comunidade com os seus pastores, a oração da comunidade e toda a sua vida, trazida como matéria da oferenda, da intercessão e da ação de graças. A Eucaristia como sacramento da comunhão, realiza a síntese da Igreja e do Mundo, da ação e da contemplação, do ministério ordenado e dos leigos, de Deus e do gênero humano.
- Um traço cada vez mais imprescindível para a vida e o ministério do padre será o de uma efetiva **comunhão-participação** com seus irmãos **presbíteros** e com seu **bispo**. Os desafios e chances, as alegrias e tristezas, os fracassos e os êxitos de um padre pertencem ao presbitério do qual faz parte e no qual recebe seu mandato da Igreja. O trabalho pastoral em equipe, a revisão de vida, o senso eclesial, o apoio mútuo, o cultivo da amizade, as fraternidades de presbíteros são traços a serem permanentemente trabalhados no futuro. Não se concebe mais um presbítero sem presbitério, assim como não se pode conceber um presbitério sem o povo de Deus.
- Numa Igreja missionária, ministerial e profética caberá ao presbítero ser o traço de união da comunidade e dos movimentos reunindo-os, para além de suas diferenças, em função de um só e mesmo compromisso com a pastoral de conjunto. Até recentemente o padre concentrava em si “a síntese dos

ministérios”. Compete-lhe agora “**o ministério da síntese**”. O presbítero de amanhã, mantendo sua função essencial de coordenação, deverá apoiar e suscitar os carismas, serviços e ministérios necessários à construção da comunidade em seu testemunho ao mundo. Para conseguir essas metas, o presbítero deve seriamente **rever as prioridades** de seu ministério, evitando a sobrecarga com tarefas burocráticas ou secundárias, descentralizando as atividades e confiando aos **leigos e leigas** os serviços, os ministérios que lhes convêm, respeitando a iniciativa e a justa autonomia de todos os que se entregam ao serviço do Evangelho.

- **A vizinhança do pobre e sua realidade** é uma condição para manter o espírito evangélico numa sociedade narcisista, alienada e excludente como a nossa. “Assumimos nosso compromisso evangélico de honrar os pobres do Brasil inteiro, confirmando nossa opção por eles: são a menina dos nossos olhos, o afeto de nossos corações! Voltamos a anunciar-lhes, com Jesus: “Felizes vocês que têm fome, porque serão saciados! Felizes vocês que agora choram, porque haverão de rir” (Lc 6,21-22 - Carta de Compromisso do 10º ENP 2004). “**Os pobres nos evangelizam**” (*Puebla, 1147*), quando assumimos sua ótica, fazendo nossas suas esperanças e comprometendo-nos com suas lutas e movimentos de libertação.
- O simples fato de colocar-se ao lado dos pobres, já provoca reações da parte dos opressores. Anunciar valores evangélicos que estão na contramão do capitalismo neoliberal, concentrador de bens e excludente da maioria do povo, inevitavelmente provocará **conflitos e perseguições**. “Se o mundo vos odeia, saibei que, primeiro, me odiou a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu... O servo não é maior que o seu Senhor. Se me perseguiram, também vos perseguirão” (Jo 15, 18-20). Neste contexto, seria pecaminoso tentar esquecer ou esconder o testemunho dos **mártires e confessores** da Igreja latino-americana que, nas últimas décadas, deram a vida em defesa dos direitos humanos e da justiça aos oprimidos. Três bispos (Mons Angelelli, Mons Oscar Romero e Mons Juan Gerardi), numerosos presbíteros (Pe Antônio Henrique Pereira Neto, Pe João Bosco Penido Burnier, Pe Rodolfo Lukembein, Pe Ezequiel Ramin, Pe Josimo Moraes Tavares), religiosos de ambos os sexos e uma multidão de leigos/as anônimos ou conhecidos somente em nível mais local, constitui uma novidade inaudita na história da Igreja recente. Como não lembrar aqui a pobre, perseguida e pascal Igreja de Roraima? Porque assume a defesa dos direitos dos Povos Indígenas recaem sobre ela os mesmos preconceitos, desprezo e perseguições de que os Índios são vítimas desde o descobrimento.
- Sobre a base dessa experiência pessoal de amor a Deus e ao próximo, o presbítero será alguém consciente de suas fragilidades e de suas potencialidades. Ao entregar-se a Deus e aos irmãos ousará consagrar-se por inteiro ao serviço do Reino, tornando o

celibato uma opção pessoal e livre. Por experiência própria ele descobrirá que a caridade pastoral (em sua dupla face: paixão por Jesus e compaixão pelo povo) pode preencher suas necessidades e carências enquanto ser humano que precisa amar e ser amado.

- O padre de amanhã aprenderá a melhor **“cuidar de si”** (cf At 20.28), a amar-se e respeitar-se, a confiar em si e nos outros, a ter tempo para o lazer, de modo a sentir-se equilibrado em todas as dimensões que nos realizam como seres humanos. Assim ele será e se sentirá um homem adulto realizado e feliz, capaz de ser ele mesmo no trato pessoal com as mulheres. Vale lembrar o testemunho de irmãos queridos que nos entusiasma porque souberam ser **profundamente humanos porque radicalmente cristãos**. Quem mais alegre que o humaníssimo Francisco de Assis, meigo para com todas as criaturas, suas irmãs queridas? Não foi por acaso que uma comissão internacional o escolheu como o homem que mais marcou o segundo milênio! Quem mais feliz que o bom Papa João, que a terna e misericordiosa Madre Teresa de Calcutá, que o suave e ao mesmo tempo vigoroso Dom Helder Câmara?
- O presbítero do futuro cultivará o senso crítico em relação à cultura, e à sua participação ativa no campo propriamente social e político. Sabendo que numa sociedade desigual e pluralista como a do Brasil ele não tem o direito de renunciar ao exercício da cidadania, buscará viver sua **responsabilidade sociopolítica** na perspectiva de seu serviço específico à comunidade e em comunhão com seus irmãos presbíteros.
- A **tentação do autoritarismo e do poder** continuará sendo uma ameaça permanente se não existir uma ativa fraternidade presbiteral e sólidas amizades com os leigos e leigas. Estas relações são o melhor antídoto à tentação do poder, do isolamento e do individualismo clericais. Devem ser cobradas por nós mesmos durante a formação e ao longo de toda a vida, incluídos os anos de aposentadoria. A amizade, a reciprocidade e a co-responsabilidade fazem parte de uma vivência plena do sacramento recebido (“intima fraternidade sacramental” PO 8).
- Persistem na Igreja certas estruturas que são inadequadas à proposta de evangelização que o povo espera dos presbíteros no limiar do novo milênio. Além disso, é flagrante a contradição entre a clareza dos documentos eclesiais e o arcaísmo de estruturas que os inviabilizam. Também em relação a certos hábitos sedimentados, zelos ou receios devemos exercer uma crítica paciente, objetiva e contínua, para rejuvenescer a Igreja e as comunidades que o Senhor confia ao nosso amor pastoral. Mantenhamo-nos firmes no testemunho do amor de Deus e na esperança confiante de que, um dia, seja-nos dado ver concretizado o sonho que os bispos latino-americanos expressaram em Medellín: “Que se apresente cada vez mais nítido o rosto de uma **Igreja** autenticamente **pobre, missionária e**

pascal, despojada do poder e corajosamente comprometida com a libertação do homem todo e de todos os homens” (Medellin 5,15).

- Nossa cultura é uma cultura da imagem e da comunicação rápida e extensiva. Somos envolvidos de todos os lados pelos meios de comunicação. Não podemos ignorar essa realidade, sem dúvida, ambígua. Mas, da mesma forma, não se pode reduzir a Igreja a uma realidade virtual, centrada em algumas figuras midiáticas. A atuação pessoal e direta do padre em comunidades de pessoas é ainda mais indispensável numa sociedade e cultura domesticadas pela informação massificada. Os **presbíteros “de mídia” e “na mídia”** – expressões do Pe. Zezinho – necessitam do **acompanhamento e do discernimento do conjunto da Igreja** e de cada presbitério. A mídia pode ser uma via válida para a evangelização, contanto que não a vejamos ingenuamente, ou como publicidade religiosa no contexto de disputa de um mercado em expansão. Educar à leitura crítica da mídia é outra tarefa que se faz prioritária.
- O padre do século XXI será um aprendiz, em **permanente processo de atualização e formação**. Precisarà adquirir o hábito do estudo e da reflexão, como condição para o preenchimento digno de suas funções. O que um presbitério pode oferecer de melhor ao povo – ao lado da caridade pastoral – é a competência de seus membros e o saber especializado posto a serviço do bem de todos.

Para fechar este “perfil emergente” lembremos uma frase do Pe. Josimo, nosso irmão-mártir. Pouco antes de ser assassinado, ao falar de seu compromisso de presbítero no meio do povo abandonado do Bico do Papagaio, ele escreveu assim: “Desistir da justiça? Não!... Amedrontar a esperança? Jamais! **Não abaixarei os olhos da linha do horizonte!**”.

Josimo relembra aqui e aplica a si mesmo algo essencial na vida do presbítero, ontem como amanhã. Nessa frase pode-se reconhecer a mesma diretriz irrenunciável contida em uma palavra eminentemente pessoal de Jesus: “Não há maior amor do que dar a vida pelos irmãos” (Jo15,13). Oxalá os presbíteros do século XXI tenhamos a graça de viver essa palavra do Amado Irmão e Senhor, confirmada pela entrega radical de tantos e selada pelo martírio de muitos irmãos no ministério do amor pastoral. O que esperamos de nosso Mestre e Senhor é a graça da **gratuidade** benfazeja, isto é, depois de termos feito tudo o que deveríamos fazer, consideramo-nos como **“simples servos”** (Lc 17,10).

Sonhamos muito alto? Tudo isto será apenas uma utopia? Temos **“longo caminho a percorrer”** (1 Rs 19,7), mas é preciso “avançar para águas mais profundas” (Lc 5, 4). Mais do que saber onde estamos, importante é ter clareza de onde queremos chegar. E ter a **coragem** de buscar e dar **passos novos**. Somos conduzidos pelo Espírito do Ressuscitado que “faz novas todas as coisas!” (Ap 21,5).

RETRATO DO PRESBÍTERO

(de um manuscrito medieval)

O presbítero deve ser, ao mesmo tempo, pequeno e grande,
de espírito nobre, como de sangue real,
simples e espontâneo como um lavrador,
herói no domínio de si, homem que lutou com Deus,
fonte de santificação, pecador que Deus perdoou,
senhor de seus desejos,
servidor humilde para os tímidos e fracos,
que não se rebaixa diante dos poderosos
mas se curva diante dos pobres,
discípulo de seu Senhor, chefe de seu rebanho,
mendigo de mãos largamente abertas,
portador de inumeráveis dons,
homem no campo de batalha,
mãe para confortar os doentes,
com a sabedoria da idade e a confiança de um menino,
voltado para o alto, os pés na terra,
feito para a alegria, experimentado no sofrimento,
imune a toda a inveja, que vê longe, que fala com franqueza,
um inimigo da preguiça,
uma pessoa que se mantém sempre fiel.

Cf Pe Edênio Valle, “**Carta a Teófilo – Um relato do 8º Encontro Nacional de Presbíteros**”, in *Vida Pastoral* 213, julho/agosto 2000, p 29-30. Os acréscimos foram introduzidos pelos participantes do Encontro de Presbíteros do Regional 1, em Manaus, de 11 a 15 de setembro de 2000.